

A MAIOR PARTE DOS COMENTÁRIOS FALAM DA RELAÇÃO DE JESUS COM O sábado e, portanto, com a Lei. E ninguém repara no nome que Jesus dá a esta mulher: «Filha de Abraão». Ora, ao investigar um pouco mais, descubro que nunca tal expressão antes foi empregada em todo o texto bíblico. Até ali, só havia «FILHOS» de Abraão. Só os homens pareciam abrangidos pela promessa feita ao patriarca, só eles recebiam na própria carne a circuncisão como sinal de aliança. Ora Jesus faz dessa mulher endireitada uma filha de Abraão. Faz parte da aliança em nome próprio e não como filha de seu pai ou esposa de seu marido. COMO É POSSÍVEL QUE NINGUÉM TENHA JAMAIS REPARADO NISSO?

CHRISTINE PEDOTTI

Mulher

Filha de Abraão



Minha Princesa de mim:

Neste dia mais alegre do novembro deste ano, a luz animando os campos que daqui avisto já nos aconchega mais – corpo e alma que, dizia S. Tomás de Aquino, fazem uma só pessoa – do que a cinza monótona que nos vinha pintando o ar em Outono chuvoso e sombrio. Hoje, como em dia de festa, das minhas janelas descubro manchas claras de luz, quinhões de amarelo e verde pálido ali, e outros, acolá, já da cor de fogo que nos anuncia lareiras e a mim recorda passeios antigos em longínquas paragens, desde o *upper-state New York* ao *Kyomizudera*, em Kyoto, quando as árvores outonais (como os *momiji*) bacantemente nos oferecem ramos com chamas de ouro e vinho. Menos melancólico, volto à leitura abandonada de vários jornais empilhados; reparo em duas entrevistas que, talvez por terem sido feitas a duas pessoas heterodoxas, eu emparelhei no meu ruminante pensarsentir. Duma delas tiro para aqui apenas duas declarações, ambas curtas, mas incisivas: à pergunta *Acha que os portugueses têm sentimento de superioridade?* – Vasco Pulido Valente responde *Têm! Com certeza que sim!*; e à *Como é que vê a direita portuguesa hoje?* – contesta: *A direita portuguesa hoje não existe. Existem pessoas de direita, não existe direita.* [Cf. *Público* de 21 de outubro]. Da

outra, respigo uma resposta mais longa, de Romain Gary a Jacques Chancel, em junho de 1975, no programa da France Inter intitulado *Radioscopies*, uma espécie de confissão mediática e laico para escritores, artistas, filósofos, etc., que eu costumava ouvir quando morava em Paris e Bruxelas. As *Éditions du sous-sol* publicam agora uma antologia escrita dessas conversas. À pergunta *Você parece ter muito interesse pelo tema mulheres, que, em sua opinião, não são suficientemente consideradas. Mesmo na hora presente, em que tanto se fala nelas...* Resposta: *Mesmo sem nos metermos pelo domínio do feminismo propriamente dito, há uma assustadora ausência de feminilidade na nossa civilização. Não quero entrar por propósitos religiosos, até porque sou incrêuo, mas se olharmos para a palavra de Cristo, ela é essencialmente feminina. A voz de Cristo era uma voz de mulher, pelo menos no sentido tradicional desse termo. Ternura, piedade, amor, bondade, perdão. Mas essas virtudes estão totalmente ausentes de dois mil anos da nossa civilização. Além da igualdade homens-mulheres, que é evidente, é necessária uma transformação dos valores ditos «masculinos» em valores femininos. É por isso que não compreendo os movimentos feministas que se reclamam duma espécie de masculinidade, em partes iguais com os*

homens. Deviam, pelo contrário, entrincheirar-se cada vez mais, e elaborar valores femininos para com eles fecundar a nossa civilização. Mas talvez seja uma visão demasiado idealista das coisas...

Como sabes, Princesa de mim, também vivo de sonhos e gosto de utopias. E as utopias que alimento sustentam este meu fado de estar dentro e além do mundo, insatisfeito no insatisfatório. Sentir-me em busca de um consolador eterno feminino é mais do que desejar a doçura da condição regressada de ser "maternado" (que, aliás, inspira o sentimento japonês do *amae*, essa saudade do leito materno): é procurar a mulher como futuro do homem (evocando Aragon), aspirar ao amor da criação inicial, como condição e estrela da vida... Nada há de machista nisto, uma mulher também poderá falar do homem como seu futuro, sem feminismo. Refiro-me ao livro, recentemente publicado, da autoapelidada *intelectual católica de esquerda*, escritora e jornalista, chefe da redação de *Témoignage Chrétien*, CHRISTINE PEDOTTI de seu nome. Com o sugestivo título de *Jésus, l'homme qui préférait les femmes*, retrata – cito a autora – *um homem vertical, sábio, pregando a boa nova; descobri-o debruçado, atento, à escuta. Via-o seguro do que dizia, sage e severo, enunciando afirmações poderosas; espantava-me achá-lo perturbado, emocionado, admira-*

tivo, mas sabendo também brincar com humor, cheio de piada e de prontas respostas... E a mulher que sou, lenta e seguramente, deixava seduzir-se pelo trintão galileu. De-me conta de que, até então, tinha "amado" Jesus projetando sobre ele uma falsa imagem; via-o com os olhos dos homens que me tinham precedido ao longo dos séculos. Ao fim dessa primeira experiência, soube que era preciso voltar aos textos evangélicos, de modo a prestar particular atenção ao que se passa entre Jesus e as mulheres.



Christine Pedotti

A primeira descoberta da sua nova leitura dos evangelhos, segundo a própria CHRISTINNE PEDOTTI, surge pelo seguinte trecho do de São Lucas (13, 10-17), aqui na tradução de Frederico Lourenço: *Jesus estava a ensinar numa das sinagogas. E eis uma mulher com um espírito de cansaço havia dezoito anos; andava curvada e não conseguia endireitar-se completamente. Vendo-a, Jesus chamou-a e disse-lhe: «Mulher, foste liberta do teu cansaço.» E impôs-lhe as mãos. No mesmo instante, ela endireitou-se e*

começou a dar glória a Deus. Reagindo, o chefe da sinagoga, indignado por ver que Jesus fazia uma cura ao sábado, disse à multidão: «Seis dias há durante os quais se deve trabalhar. Pois nesses dias vinde para serdes curados – e não em dia de sábado.» O Senhor, respondendo-lhe, disse: «Hipócritas, não solta cada um de vós, ao sábado, o seu boi ou o seu burro da manjedoura e o leva a beber? E esta mulher, sendo filha de Abraão, presa por Satanás há dezoito anos, não deveria ser libertada dessa prisão a um sábado?» Dizendo isto, envergonhavam-se todos os seus adversários e a multidão alegrava-se com todas as maravilhas que ele realizava.

O comentário da escritora francesa vai pertinentemente revelar a singularidade deste passo da Boa Nova: A maior parte dos comentários falam da relação de Jesus com o **sábado** e, portanto, com a **Lei**. E ninguém repara no nome que Jesus dá a esta mulher: «**Filha de Abraão**». Ora, ao investigar um pouco mais, descubro que nunca tal expressão antes foi empregada em todo o texto bíblico. Até ali, só havia «**FILHOS**» de Abraão. Só os homens pareciam abrangidos pela promessa feita ao patriarca, só eles recebiam na própria carne a circuncisão como sinal de aliança. Ora Jesus faz dessa mulher endireitada uma **filha de Abraão**. Faz parte da aliança em nome próprio e não como filha de

seu pai ou esposa de seu marido. Como é possível que ninguém tenha jamais reparado nisso?

E eu, que tampouco me dera conta de tão revelador pormenor, devo reconhecer o sentido e a razão do remate daquele comentário de uma cristã atenta: *É a própria personalidade de Jesus que surge sob novo dia. A par e passo da leitura, torna-se claro que nunca Jesus remete as mulheres a papéis reservados ao seu sexo. As mulheres não são virgens, nem mãe, nem esposa por «natureza». Antes pelo contrário, elas são discípulas, parceiras de conversa, por vezes profetas, nunca submissas nem silenciosas. Talvez fossem precisos olhos de mulher para o descobrir. Mas era também necessário que esse olhar fosse o de uma mulher que beneficiara de várias décadas de combates das mulheres pela liberdade e a emancipação.*

Historicamente, sem dúvida, tratou-se, tem-se tratado, de uma luta pela emancipação. E hoje ainda, um pouco por todo o mundo e muito em certas zonas dele, há ainda muito a fazer pela libertação das mulheres, sujeitas a jugos absurdos. Mas, sempre focado na busca da essência das coisas em cada um de nós, prefiro chamar-lhe reconhecimento. Não só no sentido de regressarmos ao conhecimento fundamental da nossa unidade ontológica – até no sentido claudeliano de *connaissan-*

ce = *co-naissance* ou "nascimento com" – mas como atualidade de nos vermos num espelho.

[Há dias, lendo diagonalmente uma entrevista dada pelo superior nacional de uma congregação religiosa, deparo com uma tremenda justificação do facto de limpezas, arrumos e demais serviços domésticos das residências dos seus numerários masculinos serem funções atribuídas a numerárias femininas, por Deus ter dado às mulheres a graça e o dom de tratar da casa... Só me ocorreu, na altura, enviar ao senhor padre superior um lembrete daquele passo do evangelho em que Jesus responde a Marta que, ocupada em lides domésticas, lhe pede para admoestar Maria que, quieta e silente, o escuta ensinar: "Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada"...

Sempre defendi, e defendo, que a distinção social entre homem e mulher é eminentemente cultural: no seu tempo e no seu modo, cada cultura atribui, na sua circunstância, estatutos femininos e masculinos, define e estatui valores próprios a cada sexo e género. Assim, só aceito que a voz de Cristo, enquanto expressão de "ternura, piedade, amor, bondade, perdão" (diz R. Gary) seja uma voz feminina, no "sentido tradicional desse termo". Masculino ou feminino, o nosso ser é originalmente humano, o próprio Eros é o amor em busca da união

inicial (lembra-te de *L' érotisme* do Georges Bataille).

Até a narrativa bíblica do Génesis consagra tal união ontológica em ambos os relatos da criação do ser humano: num, o segundo, mais imaginativo, diz que Deus adormeceu o homem para lhe retirar uma costela da qual fez a mulher; no outro, o primeiro, mais assertivo, limita-se a afirmar que Deus criou o ser humano, criou-o homem e mulher. Naquele, o ser humano resulta da argila que recebe um sopro de Deus, que lhe dá vida própria, muito embora o retire da mesma terra. No primeiro relato, todavia, o ser humano, na unidade inicial do casal, é o ser vivo criado à semelhança e imagem de Deus. Indivisivelmente: *Deus criou o humano à sua imagem / à imagem de Deus o criou / homem e mulher os criou...* E, neste presente contexto, ao evocar a Bíblia, não o faço invocando um texto religioso. Apenas recordo que, milénios atrás, já prosa de humanos registava essa consciência da unidade ontológica dos géneros.

Sobre o alegado sentimento de superioridade (machista ou não) do português comum e da inexistência de uma direita política em Portugal – que Vasco Pulido Valente referia – falaremos em próxima carta.

Até lá, Princesa.

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cartas-de-camilo-maria-de-sarolea-729230> (25.11.2018)

Paraíso



(a roseira “*Fantin Latour*”, sem a qual o paraíso nunca será o Céu)

Um distinto catedrático da Universidade de Coimbra (infelizmente já falecido) disse-me uma vez que o paraíso não será paraíso se lá faltar cozido à portuguesa. Por seu lado, a voz que descreve a bem-aventurança depois da morte no final da 4ª Sinfonia de Mahler garante-nos a abundância de feijão verde no Céu. E eu, pela minha parte, não poderei levar a sério um paraíso onde não encontre, no jardim de São Pedro, a roseira “*Fantin Latour*”.

Ora tratar de um roseiral repleto de roseiras “*Fantin Latour*” seria, para mim, um bom projeto de vida pós-morte, mas a probabilidade de que a vida depois da morte nisso consista é bastante remota. No entanto, é interessante como, na nossa cultura, as flores são parte integrante da projeção fantasiosa da bem-aventurança no Além, já desde o poeta grego Píndaro, que no século V antes de Cristo

descreveu o local paradisíaco onde alguns viverão essa felicidade pós-morte como cheio de rosas – rosas, porém, que florescem espontaneamente sem os cuidados angélicos do já morto jardineiro Frederico Lourenço. Píndaro descreve esse local como tendo luz eterna, onde os bem-aventurados passam o tempo a jogar xadrez e a tocar instrumentos de corda beliscada, sem esquecerem os “exercícios gímnicos” a que estes atletas de corpos perfeitos se tinham dedicado em vida. Portanto é bom saber que, no paraíso, haverá cravos celestiais que nunca desafinam para eu tocar; e ginásios onde possa prosseguir os meus treinos com barras e halteres. Claro que outras projeções fantasiosas do paraíso que vieram depois nos confiscam o ginásio – decerto por se ter vindo a perceber a falta de lógica patente na imaginação de uma realidade além-morte em que as coisas do corpo ainda façam algum sentido. Dante descreve-nos um paraíso sem jogos de xadrez e sem cozido à portuguesa; talvez por isso, muitos de nós, leitores da “Divina Comédia”, nunca nos tenhamos entusiasmado especialmente com a terceira parte da obra. O Inferno de Dante é dantescamente horrível, mas a forma como nos é apresentado em verso levou-nos a achá-lo bem interessante. Se houve aulas que detestei dar na minha vida de professor foram algumas aulas

que dei em Coimbra sobre o Paraíso da “Divina Comédia”. Nunca esquecerei a expressão de tédio estampada nas caras dos alunos, que, apesar de tudo, até tinham vibrado alguma coisa com o Inferno e o Purgatório.

O problema de descrever o paraíso reside na pobreza das palavras que, como já escreveu Platão, não se prestam lá muito para cantar o “lugar supraceleste”. A música consegue chegar bem mais longe. Quando ouvimos o “Benedictus” da “Missa Solemnis” de Beethoven, as palavras são mais ou menos indiferentes, pois o que conta é a sensação que a música dá de termos chegado, de facto, ao paraíso, que nos é mostrado e cartografado por um violino solo. O mesmo poderá dizer-se do 3º andamento da 9ª Sinfonia de Beethoven, do andamento final da 3ª Sinfonia de Mahler, da Allemande da 4ª Partita para cravo de Bach, da “Ave Maris Stella” do “Vespro della Beata Vergine” de Monteverdi. Estas obras musicais dificultam a vida a agnósticos e ateus, porque a genialidade da sua concretização enquanto prova da existência do Além torna-as supremamente convincentes. No momento em que oiço qualquer uma delas, acredito piamente que depois da vida virá o Céu.

No entanto, são obras que levantam uma pergunta subversiva: o paraíso, afinal, não será aqui na terra? Que garantia tenho eu de que o paraíso me proporcione uma bem-aventurança mais perfeita do que a música de

Beethoven e Bach? O mundo dos vivos, onde floresce a roseira “*Fantin Latour*”, não tem de ser à partida bastante paradisíaco? Um mundo onde há longos dias de praia e desafiantes horas passadas no ginásio; onde há a excitação de jantares de namorados e a felicidade de pessoas a celebrar as suas bodas de ouro; onde há CD’s que nos reproduzem a voz da morta Elisabeth Schwarzkopf e transmissões diretas do Royal Ballet de Londres no cinema ao lado de nossa casa; onde há filhos que vos comunicam que eles próprios vão ser pais e onde catedráticos da Universidade de Coimbra podem degustar as suas fartas travessas de cozido à portuguesa. Não será esta a configuração do paraíso?

Claro que o mundo dos vivos tem o problema de, em paralelo com o paraíso a termo certo que proporciona a algumas pessoas, ser também o local onde estão o inferno e o purgatório. E nada é mais trágico do que pensarmos nos seres humanos em número incontável por esse mundo fora cuja vida só lhes proporcionou a experiência do inferno. É justo que a ideologia cristã reserve para esses irmãos o primeiro lugar no paraíso do mundo que há de vir. Mais justo ainda é tentarmos, a título pessoal, espalhar um pouco de paraíso à nossa volta e continuarmos, enquanto cidadãos, a chatear quem de direito, para que, cá em baixo, a experiência do paraíso seja cada vez mais equitativa.

FREDERICO LOURENÇO. Professor universitário. Prémio Camões 2016.

https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2148819918701252&id=100007197946343 (02/11/2018)

Nossa Senhora do Advento

NOSSA SENHORA DO ADVENTO,
Mãe de todas as nossas esperas
Tu, que consentiste incarnar no teu seio
a Esperança de teu povo, salvação de Deus,
sustenta nossas maternidades e paternidades.

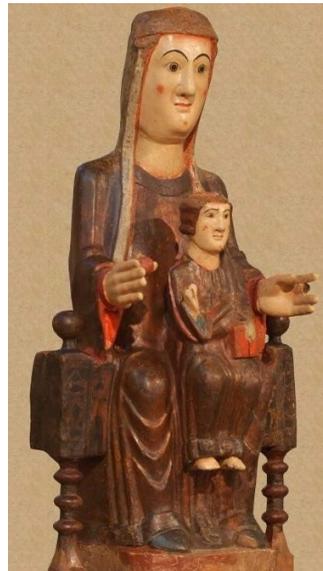
Mãe de todas as nossas esperanças
Tu, que acolheste a visita do Espírito,
para incarnar as promessas de Deus,
ajuda-nos a incarnar o Amor,
sinal do Reino de Deus,
em todos os gestos de nossa vida.

NOSSA SENHORA DO ADVENTO,
Mãe de todas as nossas vigílias,
Tu que deste um rosto humano ao nosso futuro,
fortifica os que concebem dar na dor
um mundo novo de Justiça, de Paz e Fraternidade.

Tu que contemplaste o Menino nascido em Belém,
Ajuda-nos a estar atentos aos sinais imprevisíveis
Da ternura do nosso Deus.

NOSSA SENHORA DO ADVENTO,
Mãe do Crucificado e Ressuscitado,
estende a tua mão aos que morrem
e acompanha o seu novo nascimento
nos braços do Pai.

NOSSA SENHORA DO ADVENTO,
ícone pascal,
concede-nos esta alegre vigilância
que discerne na trama do quotidiano,
as passagens e a vinda do Cristo Jesus.



Virgem de La Malena (séc. XI), Huesca, Espanha

Michel Hubaut (1939 -)
Franciscano, teólogo e conferencista